



OS ÚLTIMOS EPISÓDIOS POLÍTICOS OCORRIDOS EM BRASÍLIA NOS LEVAM A UMA REFLEXÃO SOBRE A CIDADE MODERNA, SUA UTOPIA E SEU PROJETO DESENVOLVIMENTISTA.



O ANTROPÓLOGO JAMES HOLSTON NOS ENSINA QUE "(...) BRASÍLIA FOI CONSTRUÍDA COM A INTENÇÃO DE CRIAR UMA NOVA ERA. UMA REINVENÇÃO DE DESENVOLVIMENTO, ONDE A ORGANIZAÇÃO URBANA SERIA CONSIDERADA FATOR DE MUDANÇA".



INFELIZMENTE, A UTOPIA NÃO SE CONCRETIZOU. NEM A CÂMARA DISTRITAL NEM A CIDADE CONSEGUIRAM ATINGIR OS OBJETIVOS MODERNISTAS DE SUAS PREMISSAS.



PARA JAMES HOLSTON, AS CONDIÇÕES REAIS DO BRASIL, COM SUAS DESIGUALDADES, SUAS CONTRADIÇÕES E ALIENAÇÕES, SE SOBREPUSERAM À UTOPIA. MIGRANTES EM BUSCA DE VANTAGENS ECONÔMICAS, TRABALHO, SALÁRIOS ALTOS E OPORTUNIDADES TRAZIAM NA BAGAGEM OS VALORES DO VELHO BRASIL OLIGÁRQUICO E DESIGUAL.



BRASÍLIA REVISITADA Os últimos episódios políticos ocorridos em Brasília nos levam a uma reflexão sobre a cidade moderna, sua utopia e seu projeto desenvolvimentista. Releio o estudo acadêmico de James Holston, antropólogo americano que escreveu *A Cidade Modernista*. Holston nos ensina que "(...) Brasília foi construída com a intenção de criar uma nova era. Uma reinvenção de desenvolvimento, onde a organização urbana seria considerada fator de mudança". Na visão de James, a concepção da cidade estava amparada em duas premissas: de um lado, a ideia de que o plano para uma nova cidade poderia criar uma nova ordem social. Do outro lado, havia a proposta de que esta nova ordem social poderia promover o desenvolvimento nacional. Esse novo modelo serviria como exemplo de progresso para o restante da nação e os planejadores poderiam promover saltos no processo de desenvolvimento, levando o país a queimar etapas.

AUTONOMIA E CONFIANÇA Em recente entrevista à Globo News Painel, o cientista político Ricardo Caldas lembrou que, nos anos oitenta, quando se debateu a autonomia política do Distrito Federal, havia uma grande confiança nas qualidades da nova Câmara Distrital que iria nascer. Acreditava-se que as premissas de modernidade que levaram à construção da nova capital também iriam nortear as bases do novo parlamento e faria nascer uma Câmara sem os vícios das outras capitais. Uma cidade jovem, amparada nos princípios de modernidade, certamente poderia construir uma nova maneira de fazer política.

PARADOXOS DA CAPITAL Infelizmente, a utopia não se concretizou. Nem a Câmara Distrital nem a cidade conseguiram atingir os objetivos modernistas de suas premissas. Mais uma vez, o acadêmico James Holston nos ajuda a compreender os paradoxos da Capital da Esperança. Para Holston, as condições reais do Brasil, com suas desigualdades, suas contradições e alienações, se sobrepuseram à utopia. Migrantes em busca de vantagens econômicas, trabalho, salários altos e oportunidades traziam na bagagem os valores do velho Brasil oligárquico e desigual. Pessoas de carne e osso impuseram a Brasília as referências arcaicas do passado, criando uma cidade de fronteira marcada pelo contraste entre o velho Brasil e o plano de criar um novo país.

INTENÇÕES E PRÁXIS As práticas do Brasil velho destruíram

as intenções utópicas dos idealizadores de Brasília. A realidade foi mais forte do que o sonho. O que seria uma oportunidade se transformou em oportunismo. Velhas práticas travestidas de modernidade. Velhos discursos maquiados de moderno. Velhos paradigmas paramentados de utopia e sonho. A autonomia política de Brasília nasceu oligárquica, coronelista, fisiológica e clientelista. A ideologia que se instalou no primeiro governo eleito sacramentou a pior espécie de política, o populismo e o clientelismo. Uma prática que contagiou a Câmara Distrital e deu o tom da política do Distrito Federal.

AMBIGUIDADES O paradoxo entre o velho e o novo deu margem a um discurso político carregado de ambiguidades. Ao novo coube o papel da idealização, do sonho, da utopia, recheando de esperanças os olhos e os corações incautos. Ao velho coube a práxis, exercida de forma perversa, irresponsável e ilegal. A um passo de celebrar o seu cinquentenário, Brasília assiste à explosão da sua própria contradição. Restaurar a utopia modernista ou sucumbir a tudo que ela quis negar.

O PLANO ORIGINAL FOI ABANDONADO A correlação de forças do quadrilátero do DF caminha no sentido do velho Brasil, clientelista, injusto e desigual. A ilegalidade anda a passos largos, invadindo terras e desvirtuando o trânsito. O sistema de saúde preventiva, proposto no plano original, está engavetado. O sistema de ensino em tempo integral, com Escolas Classes e Escolas Parques, também está inoperante. A convivência debaixo dos blocos e nos gramados das Superquadras está ameaçada pela violência. O plano original foi abandonado.

É TEMPO DE RECOMEÇAR Está nas nossas mãos fazer com que a utopia se transforme em práxis. A arquitetura modernista, que nos ensinou a ocupar o espaço de forma racional e cooperativa, construindo um núcleo social onde aprendemos a vivenciar relações justas e livres, deve estar mais viva do que nunca. É urgente a necessidade de reencontrarmos o modelo de sociedade sonhado pelos criadores. É fundamental dizer não às forças antiquadas que se apoderaram da nossa história e desonraram a nossa memória. É tempo de recomeçar a construção do sonho modernista e restaurar as bandeiras da nossa legítima cidadania: humana, cooperativa e livre.